

A EXPERIÊNCIA DO NÚCLEO DE ANTROPOLOGIA VISUAL DO PPGAS/UFRGS¹

Adriane **Rodolpho**
Cornelia **Eckert**
Nuno **Godolphim**
Rogério **Rosa**².

O Núcleo de Antropologia Visual do PPGAS/UFRGS foi desenvolvido como um dos principais projetos do Laboratório de Antropologia Social criado pelo Programa em novembro de 1989. Desde então, o Laboratório oferece aos pesquisadores, professores e alunos, uma infra-estrutura para a pesquisa que lhes dá acesso às informações já existentes, através de um banco de dados informatizado, além de recursos técnicos para documentação audiovisual.

Entre outros, o Projeto de Antropologia Visual foi dinamizado como uma importante iniciativa para a divulgação do material etnográfico produzido por pesquisadores e para a discussão do uso de técnicas audiovisuais na pesquisa antropológica.

Através das pesquisas em andamento dos professores no PPGAS³ e financiamento solicitado para o desenvolvimento das mesmas, foram obtido recursos audiovisuais colocados a disposição dos pesquisadores para documentar suas atividades. Paralelamente foi desenvolvido um programa de estímulo teórico e metodológico da Antropologia Visual na pesquisa.

Topicamente este projeto tem por objetivo dar apoio técnico-metodológico as diversas linhas de pesquisa do Laboratório, dentro de um esquema de prioridades elaborado pela

¹Texto apresentado na IV REUNIÃO DE ANTROPOLOGOS DO NORTE E NORDESTE; João Pessoa, 28 a 30 de maio de 1995; GT ANTROPOLOGIA VISUAL; Coordenação GT: Mauro Guilherme Pinheiro Koury.

²Prof^a Dr^a Cornelia Eckert (Coordenadora do Núcleo de Antropologia Visual do Laboratório de Antropologia Social do PPGAS/UFRGS), Nuno Godolphim (mestrando Antropologia UFRGS) Rogério Rosa (mestrando Antropologia Social UFRGS), Adriane Luisa Rodolpho (bolsista recém-mestre)

³ CULTURA POPULAR: GÊNERO E COTIDIANO; pesquisadora responsável Claudia Fonseca. SEITAS RELIGIOSAS NO RIO GRANDE DO SUL: AMPLITUDE E SIGNIFICADOS DE UM FEÔMENO SÓCIO-RELIGIOSO RECENTE, professor responsável Ari Pedro Oro. A QUESTÃO DAS DIFERENÇAS CULTURAIS NO BRASIL: TRADIÇÃO E MODERNIDADE NA IDENTIDADE GAÚCHA, pesquisadores responsáveis Ruben George Oliven e Ondina Fachel Leal. CORPO SAUDE E REPRODUÇÃO: UM ESTUDO DE REPRESENTAÇÕES SOCIAIS, pesquisadora responsável Ondina Fachel Leal. RITUAIS SECULARES NO BRASIL: AS BRIGAS DE GALO E OS VALORES MORAIS DA MASCULINIDADE, pesquisador responsável Sérgio Teixeira.

equipe⁴ do Núcleo e seus colaboradores. Igualmente, se destaca a promoção de debates sobre as técnicas e metodologias audiovisuais entre os alunos do PPGAS e graduação, esclarecendo questões técnicas e teóricas, e por fim estimulando e orientando a utilização dos recursos disponíveis no Laboratório.

Neste sentido, a sistemática de trabalho do Núcleo se compõe de dois campos prioritários de atuação, sendo o primeiro referente à preocupação de base didática, ou seja, a promoção de encontros mensais onde se discute teoricamente textos básicos da área ⁵, bem como administração de palestras e aulas junto as disciplinas de graduação e pós-graduação. O segundo consiste no planejamento e acompanhamento da utilização dos recursos audiovisuais nas atividades de pesquisa, onde a atuação da equipe se dá diretamente, indo a campo junto com os pesquisadores na coleta de dados, ou indiretamente, qualificando pessoas especificamente ligadas a estas linhas de pesquisa no manuseio básico dos equipamentos e orientando a captação e a organização do material coletado.

Um outro campo de atuação que se destaca é a preocupação em compor um arquivo com registros em vídeo de palestras, seminários, entrevistas com pesquisadores e professores visitantes e defesas de dissertações de mestrado e doutorado. Estas atividades ocorrem em convênio com o Projeto História da Antropologia no Rio Grande do Sul.

Além destas atividades de apoio a pesquisa e ao ensino, o projeto tem por objetivo promover o intercâmbio com outras instituições de ensino e pesquisa de informações e trabalhos referentes a antropologia visual, o que resulta na organização de eventos de porte nacional e internacional.

Objetivos do projeto antropologia visual

Este projeto visa dinamizar a utilização dos recursos audiovisuais disponíveis no Laboratório, documentar suas atividades, bem como estimular o desenvolvimento teórico e metodológico da antropologia visual na pesquisa, através do trabalho de bolsistas com experiência comprovada na produção audiovisual.

Topicamente este projeto tem por objetivo dar apoio técnico-metodológico as diversas linhas de pesquisa do Laboratório, dentro de um esquema de prioridades. Seja num apoio direto, isto é indo a campo junto com os pesquisadores na coleta de dados, seja indiretamente

⁴ Esta equipe é formada por professores e alunos do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social e alunos da graduação em Ciências Sociais e Comunicação, procurando cobrir todas as áreas de atuação audiovisual com ênfase em fotografia e vídeo.

⁵ As Oficina Bases Teóricas da Antropologia Visual vem sendo realizadas mensalmente desde meados de 1993.

qualificando pessoas especificamente ligadas a estas linhas de pesquisa no manuseio básico dos equipamentos e orientando a captação e a organização do material coletado, assim como a sua finalização.

Promover o debate sobre as técnicas e metodologias audiovisuais entre os alunos do PPGAS, esclarecendo questões técnicas e teóricas, e por fim estimulando e orientando a utilização dos recursos disponíveis no Laboratório.

Além destas atividades de apoio a pesquisa e ao ensino, o presente projeto terá como objetivo promover o intercâmbio com outras instituições de ensino e pesquisa de informações e trabalhos referentes a antropologia visual.

Considerações sobre a antropologia visual

É consensual dentro das Ciências Sociais, singularmente na antropologia, a importância que a documentação audiovisual representa. Conjuntamente com a informatização, o instrumental audiovisual é um dos principais dinamizadores da moderna técnica de pesquisa em antropologia. Enquanto a informática sistematiza toda uma nova forma de pensar e organizar a prática de pesquisa num nível mais íntimo do processo, as técnicas de antropologia visual dinamizam o processo de coleta de dados, abrindo novas facetas no trabalho de análise e interpretação até então limitados a memória do pesquisador e freqüentemente ao seu gravador de áudio. Sem falar em todas as perspectivas de interação sujeito-objeto que elas abrem, permitindo uma maior comunicação com as populações pesquisadas, além da possibilidade de levar os resultados das pesquisas a um público mais amplo, colocando os problemas sociais, sob o crivo sociológico, ante os espectadores dos canais de televisão, por exemplo.

Repare-se que todo um universo visível do campo de pesquisa não tinha uma instrumentalidade própria para ser captado e trabalhado. Neste sentido, desde a década de 30, ou mesmo antes, a antropologia mundial vem tentando suprir esta lacuna, na tentativa de produzir uma maior sistematização teórico-metodológica que integre estas técnicas com a prática etnográfica.

Pioneiros nesta sistematização, Margareth Mead e Gregory Bateson (1942) procuravam, através de recursos fotográficos e cinematográficos, entender o *ethos* e o caráter balinense, na medida em que sua riqueza sênica e visual não se deixava reduzir aos tradicionais diários de campo.

A nível mundial a antropologia visual vem ganhando corpo desde o final dos anos 60, buscando desenvolver metodologias de captação de dados audiovisuais mais concernentes com as situações de pesquisa antropológica. Em 1973 a INTERNATIONAL UNION OF ANTHROPOLOGICAL AND ETHNOLOGICAL SCIENCES, no âmbito da IXth ICAES em Chicago, apresenta uma resolução de apoio e estímulo às iniciativas em antropologia visual, criando naquela ocasião uma Comissão de Antropologia Visual com o intuito de promover a circulação de idéias e experiências sobre o tema a nível internacional, entre outras atribuições.⁶

Com o desenvolvimento dos equipamentos de *video-tape* no início dos anos 80 a antropologia visual passa a ganhar um novo impulso, dado a sua maior versatilidade que simplifica a sua aplicação e com isso uma maior difusão, propiciando o amadurecimento de antigas técnicas de trabalho de campo e o aparecimento de novas perspectivas de utilização da imagem na antropologia.

A nível de Brasil, a Antropologia Visual tem obtido frutos positivos. Em 1985, ao perceber a falta de formação específica dos profissionais neste setor, a CAPES promoveu o primeiro curso de especialização em antropologia visual do país, envolvendo antropólogos, fotógrafos e cineastas.

Posteriormente, um dos impulsos que a área visual recebeu foi a experiência do projeto VÍDEO NAS ALDEIAS, com a formação de operadores de câmera indígenas onde o vídeo se apresenta tanto como um instrumento de pesquisa, quanto como elemento de reafirmação étnica.

Juntamente com o II Festival Latino-americano de Cinema dos Povos Indígenas, promovido pelo Museu do Índio e FINEP, no Rio de Janeiro em 1987, foi realizado o I Seminário de Antropologia Visual no Brasil, trazendo relatos e experiências de pesquisadores de várias partes do mundo, ao mesmo tempo em que abria um fórum de intercâmbio das diversas experiências atomizadas que aconteciam no país.

De certa forma, o Rio Grande do Sul, em particular a UFRGS, esteve à margem deste processo principalmente pela falta de acesso a um aparelhamento apropriado, apesar do esforço individual de alguns pesquisadores. De uma forma geral, durante os anos 80, a

6. É deste período o célebre texto "Visual Anthropology in a Discipline of Words" de Margareth Mead (1975) onde a autora faz uma breve análise dos potenciais da imagem na antropologia e se pergunta sobre os obstáculos que tem limitado sua aplicação sistemática.

fotografia foi utilizada esporadicamente por alguns pesquisadores tentando suprir estas carências relativas a captação de imagens das realidades estudadas.⁷

No final desta década com a inauguração do LABORATÓRIO DE ANTROPOLOGIA SOCIAL do PPGAS e com a articulação do PROJETO ANTROPOLOGIA VISUAL passou-se a fazer um esforço no sentido de superar esta lacuna, estimulando a produção audiovisual. Para tanto, em convênio com instituições financiadoras, foram adquiridas duas câmaras fotográficas e uma câmera de vídeo (VHS), a fim de proporcionar um suporte técnico a estas atividades.

Neste sentido o PROJETO ANTROPOLOGIA VISUAL tem procurado fornecer recursos técnicos e teóricos, bem como uma orientação prática, incentivando as aplicação destas técnicas. Também tem discutido sua utilização nas cadeiras de metodologia, promovido exposições fotográficas sobre os universos de pesquisa de alunos do curso e o intercâmbio de informações com outras entidades científicas na área. É neste processo que temos realizado uma série de debates e eventos que vem qualificando as discussões e as produções teóricas e práticas dos pesquisadores envolvidos.

Da pertinência da antropologia visual na prática de pesquisa

O antropólogo em sua pesquisa de campo, seja entre sociedades indígenas, seja no espaço urbano, sempre se defrontou com situações em que suas anotações, a sua memória e o seu gravador não conseguem dar conta da riqueza de detalhes do universo estudado.

Atualmente a Antropologia Visual vem contribuindo substancialmente com a disciplina antropológica não apenas como um material ilustrativo, mas tem sido tomada como uma importante técnica complementar dentro das técnicas de coleta de dados, ou mesmo tem sido utilizada como a principal forma de captação de dados, tornando-se a base da metodologia aplicada. Por outro lado, ao valorizar o "olhar" do pesquisador e situá-lo sobre um suporte inspecionável a antropologia visual surge como um espaço privilegiado de reflexão sobre todo o fazer etnográfico, sendo hoje um dos principais polos de reflexão epistemológica da disciplina.

Inicialmente poderíamos distinguir 3 objetivos gerais que justificariam o emprego de técnicas audiovisuais na pesquisa social.

7. Exemplarmente poderíamos citar os trabalhos dos professores Ondina F. Leal, cujo livro "A Leitura Social da Novela das Oito" incorpora um capítulo apenas com fotografias, e Ari P. Oro que utilizava o material fotográfico produzido em seus trabalhos de campo junto aos Tukuna e a outros povos indígenas da Amazônia em suas exposições didáticas.

Num primeiro momento ela aparece como uma forma de captação de dados, no segundo como uma meio que possibilita a comunicação-interação sujeito-objeto, e por fim como um instrumento de divulgação ao nível didático-acadêmico e/ou social.

O primeiro, mais comum, é referente a apreensão do dado "bruto", não descrito apenas pela palavra do pesquisador, mas como um suporte "in vivo" do dado; propiciando assim uma análise posterior mais minuciosa da disposição de certos elementos não-verbais ou não-verbalizáveis, destacando elementos verbalizados no discurso do informante, ou mesmo elementos que passaram despercebidos da "visão analítica" do pesquisador. É um emprego de âmbito interno da pesquisa.

Sob esta perspectiva, a fotografia e o vídeo, enquanto os suportes mais acessíveis e usuais, podem ser usadas como técnica de documentação e receber um tratamento de "dado", como um elemento substantivo para a análise. Uma outra possibilidade seria eleger-las como o cerne do método de pesquisa, isto é como a forma privilegiada na captação de dados.

Particularmente, o vídeo possibilita que o "outro", o objeto esteja virtualmente presente no momento da análise falando "ao vivo de seu habitat natural". Isto é o que chamamos de "relato qualificado": é a captação do dado se dando, o momento "total" da interação sujeito-objeto. Total porque nos permite visualizar por um lado a enunciação em seu contexto imediato, e por outro o próprio entrevistador e sua postura no processo de entrevista. Sob este enfoque se abre a possibilidade de uma instigante "vigilância epistemológica" de visível valor didático.

De uma forma geral, poderíamos dizer que a fotografia é um "banco de dados estáticos", que contem um conjunto de imagens virtuais do objeto de pesquisa, registrados sob a mira ótica do pesquisador, e que em sua visão analítica e ordenadora podem ganhar uma dinâmica explicativa, discursiva. Enquanto o vídeo é um "banco de dados cinéticos", dados que registraram a ótica do pesquisador sobre um "desenrolar delimitado" de ações sociais, capazes de se "auto-exprimir" permitindo uma análise da sua disposição dinâmica enquanto um discurso do objeto sobre si.

Em fim, este primeiro objetivo de captar dados "in vivo" nos possibilita organizar um outro tipo de "banco de dados", um banco de imagens e falas que possibilitarão uma reflexão mais ampla e criteriosa dos temas em questão, na medida em que ao trazer a "visão" que o pesquisador tem de seu objeto esta permitindo que a fala ou o código de ícones que compõem a vida desta cultura sejam acessíveis a um número maior de pessoas.

O segundo objetivo diz respeito às possibilidades interativas dos meios audiovisuais na comunicação sujeito-objeto, no que tange ao papel dos dados como um elemento interativo nesta relação, como forma de proporcionar uma relação crítica da população objeto com o dado sócio-antropológico. Este objetivo depende diretamente da perspectiva do pesquisador quanto a relação sujeito-objeto. Seja simplesmente quanto a preocupação de conferir com o seu informante se a sua lógica de análise esta certa, ou para vãos maiores onde a relação sujeito-objeto aparece como um elemento catalisador da produção de um conhecimento coletivo, seja, então, enquanto uma reconstrução histórica ou numa perspectiva de reafirmação étnica, e todas as linhas de pesquisa social preocupadas com a educação popular, onde a foto e o vídeo oferecem um rico elemento de interação entre o pesquisador e a população em foco. Sem falar na possibilidade de uma "devolução" quase imediata e muito palpável, algo que é tão requisitado - como uma forma de "retribuição" - pelas populações pesquisadas.

O terceiro corresponde a sua utilização com fins a montar um texto audiovisual para introduzir as questões teóricas (pertinentes ao olhar do pesquisador) e apresentar os resultados do trabalho. Como forma de subsidio para a discussão acadêmica, e divulgação para a sociedade em geral.

Por fim cabe propor a discussão da importância dos recursos audiovisuais, ou multimeios, no processo de divulgação do conhecimento sócio-antropológico, numa sociedade como a brasileira, por exemplo, com um alto índice de analfabetos e que apresenta uma estrutura "pós-letrada" (o predomínio dos meios audiovisuais na comunicação de massa).

Cada vez mais os meios acadêmicos são chamados a responder ante a opinião pública, nacional e mundial, numa sociedade de dimensões planetárias (onde as distâncias se encurtam ante os modernos meios de comunicação de massa), por uma postura ativa, que mais que contemplar "problemas sociais", somos levados a debater e a defender da forma mais honesta e eficiente a bandeira de um pluralismo cultural, onde a tolerância com a diversidade cultural passa a ser mais que uma postura ética sobre um objeto de pesquisa, para tomar contornos de um compromisso político em respeito a democracia da diferença e a autonomia dos povos.

Dado este vasto território a ser explorado é que o Projeto Antropologia Visual mantém sua continuidade, a fim de dinamizar a produção e a reflexão antropológica sintonizada com as modernas tendências da visualidade desta disciplina. Ante uma realidade onde a informação eletrônica e imagética avançam a passos largos na história humana a disciplina

antropológica não pode se furtar de dominar e utilizar o instrumental e a linguagem dos audiovisuais, do qual o homem moderno está impregnado.

Da Situação Atual: O PROJETO ANTROPOLOGIA VISUAL - UFRGS e o panorama nacional.

A evolução da aplicação do instrumental audiovisual no âmbito do PPG Antropologia Social da UFRGS tem gerado uma série de frutos positivos, permitido transformar o Núcleo num promissor **centro de documentação** do campo visual do imaginário das temáticas estudadas.

Nesta perspectiva o Núcleo tem estendido a documentação audiovisual às pesquisas em andamento no âmbito do PPG, respeitando as limitações "visuais" dos temas em questão, os objetivos e a linha teórica adotada pelos pesquisadores. Assim, realizamos várias atividades conjuntas com quase todas as linhas de pesquisa, que resultaram nos documentários "Ciranda Cirandinha"⁸ e "Iraí, Terra Kaingang"⁹. Além destes, outros vídeos estão em andamento, como é o caso do projeto História de Vida dos Travestis em Porto Alegre, em convênio com GAPA (RS)¹⁰, o Nomadismo Urbano, sobre mendigos e meninos de rua, fruto da pesquisa desenvolvida na dissertação de mestrado de Cláudia Turra Magni; e, por fim, com os Kaingang do Posto Indígena Xapecó (SC), em parceria com a UFSC.

Igualmente, buscamos incentivar e orientar a utilização da imagem por parte dos mestrandos e doutorandos do curso, o que culminou em várias exposições de fotografias ligadas a defesa de dissertação, e a adoção deste instrumental em várias das teses em andamento.

As seguintes dissertações de mestrado deste Programa utilizaram-se do recurso a fotografia, no ano de 1993/4:

8. Trata-se do documentário "Ciranda Cirandinha: História de Circulação de Crianças em Classes Populares", baseado na tese de Doutorado da Prof. Claudia Fonseca, abordando o conceito de *circulação de crianças*, que se refere à prática comum entre os grupos populares do trânsito de crianças por diferentes casas e famílias.

9. O vídeo IRAI: TERRA KAINGANG, aborda a luta dos índios Kaingang, no norte do Rio Grande do Sul, pela demarcação das suas terras. Realizado pelo COMIN (Conselho Missionário Indigenista) e ONISUL (Organização Nacional dos Índios do Sul), foi dirigido pelo bolsista Rogério Rosa e apoiado pelo Núcleo.

10. No que diz respeito a Oficina de Vídeo Etnográfico, coordenada por Nuno Godolphim e Rogério Rosa, foi terminada a primeira parte dos trabalhos referentes a formação básica quanto ao manuseio do equipamento de vídeo e orientação para o trabalho de campo. Neste momento as equipes formadas por membros do GAPA, professores e alunos do PPG de Antropologia da UFRGS, e alunos de graduação, estão realizando saídas à campo para o registro da história de vida e do

- "Narrando as Origens: um ensaio fotográfico sobre memória mítica entre descendentes de italianos" de Maria Clara Mocellin.
- "Dos Territórios da Memória as vivências do Espaço: Bambistas e outros antigos carnavalescos da cidade." de Josiane Abrunhosa da Silva.
- Cláudia T. Magni - "*Nomadismo Urbano: Uma Etnografia Sobre Moradores de Rua em Porto Alegre*", em 17 de junho.
- Jacqueline B. Pólvora - "*A Sagração do Cotidiano: Estudo de Sociabilidade de um Grupo de Batuqueiros em Porto Alegre*", em 08 de setembro.
- Adriane M. Boff - "*O Namoro Está no Ar... Na Onda do Outro: Um Olhar Sobre os Afetos em Grupos Populares*", em 17 de outubro.
- Adriane L. Rodolpho - "*Entre a Hóstia e o Almoço: Um Estudo Sobre o Sacrifício na Quimbanda*", em 14 de dezembro.

Entre estes, os de Josiane, Clara e Cláudia resultaram em exposições fotográficas apresentadas em diversas ocasiões;

- "Os Anônimos do Mercado Público". Nuno Godolphim (Coord.); Promoção conjunta com a Prefeitura Municipal de Porto Alegre-Secretaria Municipal da Cultura.

Jornadas

Frente a crescente importância que a Antropologia Visual tem tomado dentro da disciplina antropológica, empreendemos nossos esforços na realização da I e da II Jornada de Antropologia Visual, com o objetivo de abrir novas perspectivas metodológicas de trabalho de campo e instrumentalizar os nossos professores e pesquisadores a formular um discurso audiovisual de imprescindível valor didático ao nível acadêmico. Entretanto, a principal importância destes eventos esteve ligada a possibilidade de levar as questões antropológicas a um público muito mais amplo, fazendo retornar para a comunidade em geral o resultado de nossas pesquisas, de uma forma mais acessível e democrática.

A primeira realizou-se, em novembro de 1992, com a participação de representantes dos principais centros de produção audiovisual na pesquisa social do país, sempre com a preocupação de congregar as atividades teóricas com sua dimensão prática. Neste sentido o

cotidiano de 5 travestis, o que deve durar mais alguns meses. Ao final do trabalho de campo estas imagens serão editadas na forma de um vídeo documentário de duração aproximada de 20 minutos.

evento culminou com uma oficina de foto-etnografia cujo resultado é a exposição "Os Anônimos do Mercado Público"; coordenada por Nuno Godolphim em Promoção conjunta com a Prefeitura Municipal de Porto Alegre-Secretaria Municipal da Cultura.

Seguindo este caminho, a II JORNADA, realizada em outubro de 1994, proporcionou um estreitamento do intercâmbio nacional e internacional, contando com a participação de representantes do país e do exterior de alguns dos principais centros que trabalham com a produção de imagens na atividade de pesquisa. A IIª JORNADA DE ANTROPOLOGIA VISUAL se desenvolveu em 3 módulos no correr de 23 dias, sendo os três módulos divididos na ênfase do VER, com a exibição de filmes, vídeos e exposições fotográficas; do FALAR com um Simposium sobre o tema; e do FAZER, com palestras e *workshops* em fotografia, cinema e vídeo voltado para a dimensão prática, como forma de cristalizar em imagens o resultado de nossas discussões.

Estas jornadas consagraram um importante espaço de integração com a produção de Antropologia Visual do País, do Cone Sul e dos grandes centros europeus e americanos, proporcionando um enriquecimento substantivo de nosso acervo de material audiovisual na área antropológica. Contando com o apoio da MOSTRA INTERNACIONAL DE FILMES ETNOGRÁFICOS (RJ), foi possível exibir um panorama do que se tem produzido em termos de Antropologia Visual no Brasil e no exterior.¹¹

Também tivemos a oportunidade de contar com a presença do antropólogo e cineasta Marc-Henri Piault, professor de antropologia científica e antropologia visual na École des Hautes Études en Sciences Sociales, em Paris;

Esta oficina coordenada pelo Prof. **Dr. Marc Piault** (CNRS) abordou a íntima relação entre a história do cinema documentário mundial e a atividade antropológica. Analisando uma série de filmes documentários e etnográficos o professor esmiuçou a linguagem utilizadas pelos principais realizadores e situou as narrativas filmicas em relação a teoria antropológica do período no que se refere a construção da alteridade.

¹¹ No primeiro Módulo foi apresentada uma versão condensada da MOSTRA INTERNACIONAL DE FILMES ETNOGRÁFICOS (RJ) com mais de 50 filmes, que é composta de filmes e vídeos de acervos de instituições internacionais, incluindo a exibição de clássicos do documentário, como "Nanok of the North" de Flaherty, ao último filme do grande cineasta e antropólogo Jean Rouch (Madame L'eau, 1992). Com esta atividade conseguimos possibilitar o acesso a filmes de reconhecido mérito histórico e documental que, sempre citados em todas as bibliografias sobre o assunto, dificilmente circulam fora dos seus centros de origem (os filmes realizados por Margareth Mead em Bali nos anos 30, por ex.). Neste mesmo sentido apresentou-se uma mostra das principais obras do documentário social brasileiro, como por exemplo os filmes do Major Tomas Reis, cinegrafista oficial da expedição Rondon, além de fazer um panorama da produção atual nacional e estrangeira, numa programação intensa que propiciou uma espécie de "curso concentrado" sobre as mais diferentes modalidades de abordagem de problemas sócio-antropológicos do ponto de vista fílmico.

Julgamos que a II JORNADA DE ANTROPOLOGIA VISUAL tem seu principal mérito, além dos já citados, na sensibilização de professores e alunos (de mestrado e graduação) quanto ao potencial que a imagem oferece para a disciplina antropológica, seja para um uso interno da pesquisa ajudando a enriquecer os diários de campo, ou seja como forma de levar à comunidade acadêmica e mesmo à sociedade em geral a *força viva* do olhar e da fala de nossos informantes.

A Antropologia Visual tem sido, tradicionalmente, um instrumento de diálogo vigoroso entre as diferentes culturas que convivem em nosso planeta, sendo hoje uma das principais vertentes do desenvolvimento da disciplina antropológica, justamente por propiciar que os grupos sociais estudados expressem a sua voz, alcançando assim uma ressonância muito mais ampla do que a circulação restrita dos meios acadêmicos. Essa perspectiva vai ao encontro da necessidade de se aumentar a comunicação entre a Universidade e a sociedade civil.

Através do PROJETO ANTROPOLOGIA VISUAL, criou-se um espaço para a divulgação do material etnográfico produzido por pesquisadores e para a discussão do uso de técnicas audiovisuais na pesquisa antropológica. No momento estamos organizando um arquivo de informações sobre o material existente na área e fazendo contato preliminar com outras instituições que já trabalham com Antropologia Visual. Até o presente momento foram organizadas no Laboratório, exposições de fotos produzidas durante as pesquisas de campo de antropólogos do PPGAS. O Laboratório já conta com duas máquinas fotográficas e uma videofilmadora.